

Excessos



Por Guillermo Alvarado

Informações de organizações especializadas em meio ambiente revelam que o último dois de agosto foi o Dia da Sobrecarga da Terra, ou seja, o momento em que a humanidade acabou de consumir todos os recursos que o planeta é capaz de produzir ou regenerar num ano, neste caso 2017.

Desde hoje estamos vivendo de empréstimos, porque em apenas sete meses e dois dias comemos, esbanjamos ou jogamos fora o que correspondia a um ano, de acordo com a capacidade da natureza de abastecer-nos, ou de absorver e regenerar os detritos, especialmente o perigoso dióxido de carbono.

Os mencionados cálculos começaram a se realizar em 1987 por iniciativa do grupo Global Footprint Network, que advertiu: a relação global entre consumo e recursos estava entrando em perigoso desequilíbrio.

O ser humano tala mais árvores do que é capaz de replantar; pesca mais do que os oceanos e os mares conseguem reproduzir, estende as áreas urbanas e de cultivos para além do possível, consome mais água da disponível e, principalmente, polui mais do que a natureza pode reciclar.

Para chamar a atenção sobre os riscos que esta atitude implica, começou-se a calcular todos os anos as disponibilidades, e os resultados foram aterradores. Em 1987, o dia da sobrecarga da Terra ocorreu em 19 de dezembro; em 1995, em 21 de novembro; uma década mais tarde, em 2005, foi em 30 de outubro; em 2010, foi em 21 de agosto e neste ano acontece em dois de agosto.

Este excesso de consumo do jeito que vai implica que a humanidade necessitaria um planeta e meio e para 2050 precisaria de dois planetas similares ao atual.

Estamos falando numa tese, porque as capacidades e os recursos são limitados, não podem crescer para além de um ponto determinado e já estamos vivendo algumas das consequências, entre elas a mudança climática.

O que nos aguarda é mais dramático: esgotamento dos recursos pesqueiros, o colapso das florestas, a redução da água, dos alimentos e combustíveis que são causas de conflitos e guerras, como vem acontecendo no Oriente Médio.

Ninguém pode duvidar de que a ânsia dos EUA de destruir a Revolução Bolivariana da Venezuela nada tem a ver com questões ideológicas ou políticas, e sim com as enormes reservas de petróleo em seu subsolo.

Hoje em dia, a voracidade de ocidente sobre certas regiões do planeta tem a cor do petróleo, mas isto mudará rapidamente e será incolor como a água, que se esgota rapidamente.

Neste desenfreado modelo de consumo a distribuição também é desigual. As estimativas indicam que para satisfazer as necessidades de um ser humano, este dispõe do equivalente a 18 hectares globais. Isto se chama "marca ecológica". Nos países desenvolvidos, este indicador de consumo geralmente é de 10 ou 12 hectares por pessoa, já no Haiti, por exemplo, só alcança 0,68 e no Afeganistão 0,62 hectares.

Os especialistas assinalam que ainda estamos em tempo de reverter o prejuízo causado ao planeta, com a vontade política dos países grandes consumidores, dos mais ricos. O problema é que não se olha para os lados. Assim, todos vão pagar as consequências e os mais pobres, como de costume, são os primeiros.

<https://www.radiohc.cu/index.php/pt/especiales/comentarios/137210-excessos>



Radio Habana Cuba